

Pensar e viver a fé em tempos de pandemia

Thinking and living the faith in times of pandemic

Francisco Thallys Rodrigues ¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir a relação entre pandemia e fé cristã, procurando explicitar as interpelações e tarefas que decorrem desta relação. Procura-se tecer um diálogo a partir de diferentes teólogos que se debruçaram sobre o tema. Parte-se da complexidade do fenômeno pandêmico enquanto intensificador das relações de injustiça em nossa sociedade, para em seguida analisar algumas interpelações à fé cristã que surgem neste momento, mostrando como em meio às tensões das diferentes perspectivas, pode-se encontrar no caminho sinodal um instrumento eficaz para o processo de renovação eclesial. Conclui-se acenando para a necessidade das Igrejas particulares viverem a sinodalidade, garantindo a participação de todos os batizados.

Palavras-chave: Comunhão. Redescoberta. Sinodalidade.

Abstract: This article aims to discuss the relationship between the pandemic and the Christian faith. It seeks to explain the challenges and tasks that arise from this relationship and engage in a dialogue with some theologians who have focused on the theme. Starting from the complexity of the pandemic phenomenon, which exacerbates social relations of injustice, it analyzes some of the present challenges for the Christian faith. It then shows how, despite the tensions between the different perspectives, the synodal path can represent an effective

1 Mestrando em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista CAPES. Especialista em Sagradas Escrituras (EST), bacharel em filosofia (FCF) e teologia (FAJE).

instrument in the process of ecclesial renewal. It concludes by pointing to the need for particular Churches to embrace synodality to guarantee the participation of all the baptized.

Keywords: Communion. Rediscovery. Sinodality.

Introdução

A pandemia atingiu a sociedade como um todo, interferindo em agendas, rotinas e relações humanas. Os efeitos têm sido experienciados de diferentes formas praticamente em todos os povos do planeta. Diferentes autores têm se debruçado na análise do fenômeno pandêmico, refletindo sobre as suas consequências nos diferentes campos da vida. Neste contexto, a teologia, enquanto experiência crente em busca de inteligência, é questionada a responder quais os apelos que a pandemia traz para os batizados, isto é, como pensar e viver a fé neste tempo? A pandemia provoca alguma mudança na forma como os cristãos vivem?

A partir das intuições de diferentes teólogos (as) procuramos tomar como ponto de partida os efeitos mais visíveis da pandemia (fome, miséria, desemprego) para mostrar a complexidade de qualquer análise, e nossa opção pelo olhar teológico (primeiro momento). Em seguida, delineamos três interpelações que a pandemia traz para a fé cristã no que se refere à imagem de Deus, à ação do Espírito e à vivência eclesial (segundo momento). Por último (terceiro momento), mostramos a necessidade de assumir a reponsabilidade pelo cuidado com a vida a partir do caminho sinodal.

1. Diferentes facetas da mesma crise

A pandemia tem sido experimentada como um grande abalo sísmico em nossas estruturas, alterando nossa percepção do tempo e do espaço. Revelou a fragilidade de nossa civilização calcada no egoísmo e na soberba do desenvolvimento. Ela, por si mesma, não gerou uma crise, na verdade, potencializou um processo de crises profundas que se arrastam há algumas décadas. Manfredo de Oliveira alertou, há pelo menos vinte anos, para a necessidade de enfrentar eticamente as crises trazidas pelo processo de globalização (cf. OLIVEIRA, 2001). Ironicamente, essa mesma globalização, aclamada e reverenciada por muitos, propiciou a rápida expansão do vírus por todo o planeta. O vírus viajou com a alta classe média no gozo de sua liberdade neoliberal.

A covid-19 trouxe ao descoberto as faces nefastas de nossa sociedade desigual, a situação de tantos irmãos e irmãs mergulhados no sofrimento de uma humanidade que os esqueceu, tornou-se indiferente à sua vida e história. Neste momento, milhões de trabalhadores informais, que não gozam de direitos e

seguranças, veem-se cada vez mais inseguros diante da constante “ameaça de isolamento” que os impedirá de ganhar o “pão de cada dia”. Como pedir-lhes que permaneçam tranquilos em suas casas, enquanto a situação melhora, quando eles não têm o suficiente para se manter?

Neste momento, os poderes públicos deveriam promover a assistência a esses irmãos e irmãs em vista de protegê-los, tal como faz em momentos de crise financeira, quando presta auxílio aos grandes bancos e empresas. Entretanto, o capitalismo neoliberal tem minado as estruturas de proteção construídas durante séculos na Velha Europa, o que dizer então de nossos países com democracias jovens e aparatos sociais frágeis, que já há muito tempo não oferecem assistência adequada?

Diferentes autores têm se debruçado sobre o momento atual. Boaventura de Sousa Santos (cf. SANTOS, 2020) apontou os efeitos nefastos do neoliberalismo capitalista neste momento de pandemia. Numa perspectiva mais otimista, Slavo Zizek indicou a crise causada pela pandemia como oportunidade de fazer surgir um novo Comunismo (cf. ZIZEK, 2020). A questão é complexa e exige uma análise mais profunda porque envolve diferentes tramas, processos e histórias no conjunto dos países e sociedades. Entretanto, após um ano e meio do início da pandemia, pode-se constatar que algumas indicações se mostraram verdadeiras, enquanto outras foram demasiadamente otimistas.

Em nossa análise partimos da experiência da fé cristã, refletindo sobre os efeitos da pandemia na vivência religiosa. Este é um olhar entre outros dentro da crise estrutural que nos atinge, visto que diferentes enfoques são possíveis quando se consideram as consequências éticas, políticas, econômicas, sociais, psicológicas e culturais. A partir da dimensão religiosa, pode-se perguntar: quais aprendizados foram possíveis neste tempo? Quais respostas a fé cristã ofereceu neste momento? Como a experiência crente é “afetada” pela pandemia?

2. Interpelações à fé cristã em tempos de pandemia

A fé cristã supõe um duplo movimento: por um lado, exige adesão pessoal a partir do encontro com Jesus Cristo vivo, mas por outro, este encontro supõe uma comunidade eclesial na qual a fé nasce e se desenvolve. Neste sentido, a vivência da fé cristã concretiza-se numa comunidade concreta na qual se experimentam as alegrias, tristezas e esperanças deste mundo, partilhando os bens, aprendendo a perdoar e fazendo-se solidário com os necessitados. O problema que se coloca é como viver a fé num contexto de isolamento e distanciamento social que impossibilitam as expressões comunitárias da fé (celebrações, encontros, reuniões, catequese...)?

Parece-nos que a pandemia coloca a possibilidade de redescobrir o frescor do Evangelho por meio da superação de uma imagem deturpada de Deus, percebendo sua presença amorosa como espírito denunciador e consolador que renova toda comunidade, recuperando expressões de vivência eclesial nas famílias. Entretanto, após um ano e meio, há de se perguntar em que medida essas

indicações não emergem mais como tarefas, urgentes e necessárias, do que como realidades?

2.1. Redescobrir a fé no Deus da vida

Diante da expansão da covid-19, muitas autoridades religiosas e civis explicitaram quais seriam as causas dessa situação. Constatamos uma tensão de forças que antecede à experiência pandêmica. A primeira posição se expressa numa teologia caduca que, valendo-se de imagens parciais de Deus, a partir do Antigo Testamento, apresentam um Deus castigador, vingativo e sanguinário, que exige reparação, com sangue humano, pelos pecados cometidos. A eutanásia, o aborto, a "ideologia de gênero" seriam as causas do castigo divino. No seu artigo, Pariamachi recolhe algumas dessas posições de lideranças influentes no âmbito eclesial (PARIAMACHI, 2020, p. 21).

Para os que assim pensam, a solução estaria na intensificação da oração, na penitência e na "volta à grande disciplina", numa espécie de fé cristã desconectada da experiência concreta da vida. Ora, não se trata simplesmente de posicionamentos que ignoram a ciência> A questão é mais complexa porque nessas afirmações manifesta-se a imagem ou o modelo de Deus que está subjacente na vida de muitos cristãos. Existe certa perversidade quando se instrumentaliza o momento atual para defender posições teológicas distorcidas. Como afirma Jiminez, "A crise atual trouxe à tona, por todos os lados, modos totalmente inadequados para falar de Deus e de seu atuar, de forma direta ou mediada por seus representantes" (JIMINEZ, 2020, p.56)².

A segunda postura consiste no esforço de releitura de nossa vida a partir da tradição eclesial e do diálogo com as ciências. Esta interlocução permitiu constatar que na raiz da pandemia está o tipo de relação que a humanidade estabeleceu com a vida no planeta ao longo dos últimos séculos. Deus está sofrendo com toda a criação, sobretudo, com aqueles que, neste momento, estão enfermos nos hospitais, isolados em casas de repouso e desempregados. Ora, falar de Deus em meio a este sofrimento é fazer teologia desde o cativeiro na medida em que implica confrontar-se com uma prática religiosa e uma imagem de Deus alheia ao Evangelho.

A fé se desenvolve em meio a dúvidas, medos e sofrimentos, perguntas que nem sempre encontram respostas. É preciso descobrir e professar a fé no Deus da vida que continua a salvar por meio de tantos homens e mulheres, crentes e não crentes que tornam manifesta a ação salvadora de Deus por meio do cuidado, dedicação e acompanhamento aos doentes e sofredores, colocando a própria vida em risco. "Creio que devemos tentar descobrir a Deus, em primeiro lugar, sofrendo com os que sofrem e, em segundo, salvando com os que salvam (hoje: médicos, enfermeiros, investigadores, pessoal da segurança, ONG e tanta gente de boa vontade" (MOORE, 2020, p. 50).

Portanto, a tarefa que se impõe à teologia e à vivência religiosa é redescobrir

2 Todas as traduções dos textos originais foram realizadas pelo autor.

o Deus anunciado por Jesus de Nazaré que coloca o ser humano, a sua dignidade, no centro de suas preocupações. O mérito do momento atual é evidenciar o confronto de imagens de Deus e, conseqüentemente, o conjunto de práticas religiosas que delas decorrem.

2.2. Redescobrir o Espírito, força dos fracos

A superação desta imagem de Deus, anteriormente indicada, poderá nos conduzir a perceber a presença do Espírito nos reverses da história como voz que clama e convida ao discernimento. Sabe-se que o Espírito é força que age na história humana, provoca e impulsiona os batizados à fidelidade ao projeto de Jesus, recorda tudo aquilo que Ele fez e ensinou. Promove a unidade, gera a diversidade. Atua desde baixo, suscitando nos acontecimentos históricos a libertação para toda a criação, a fim de que possa surgir um mundo mais justo e fraterno. O que o Espírito tem suscitado neste tempo?

As múltiplas mudanças em nossa sociedade exigem um constante discernimento na vida dos crentes para perceber os clamores do Espírito nos acontecimentos da história. Torna-se necessário reconhecer que ele está para além de nossos espaços religiosos, templos e oratórios, pois a presença amorosa do Pai continua a salvação por meio de tantas mãos que se estendem para ajudar o próximo, arriscando a própria vida.

Além disso, deve-se perceber a presença do Espírito na ação de tantos homens e mulheres que procuram encontrar soluções para este momento a partir das ciências, bem como tantos profissionais de saúde que não medem esforços para salvar vidas. Como o Papa Francisco afirma "é a vida do Espírito, capaz de resgatar, valorizar e mostrar como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns" (FRANCISCO, 2020, p.21).

Nesta perspectiva, o momento atual pode representar tanto um *kairós* para a vivência da fé (SALAS, 2020, p.75), enquanto torna possível o crescimento, a redescoberta e a reforma da vida eclesial, quanto pode acelerar o processo de subjetivização da fé na medida em que se experimenta, mais intensamente, um cristianismo de *fast-food*, presente nas inúmeras transmissões midiáticas. Não se trata simplesmente de uma decisão eclesial-institucional por uma ou outra, o fato é que entram em cena dois elementos arraigados no mais profundo da sociedade e do ser humano: a experiência de liquidez, própria da organização social de nosso tempo, e o caráter sempre pessoal de adesão e vivência da fé.

Neste contexto adverso, podemos perguntar qual alternativa temos assumido no conjunto da vida eclesial, bem como quais as conseqüências de uma opção ou outra? Parece-nos, seguindo a reflexão de Codina, que o Espírito nos convida a passar de uma Igreja sacramentalista e clerical para uma Igreja evangelizadora (CODINA, 2020, p.28).

2.3 Redescobrir a comunidade

No início da pandemia, os templos foram fechados como medida de segurança a fim de diminuir as chances de transmissão do vírus. As celebrações eucarísticas passaram a ser transmitidas, contando com uma pequena expressão da comunidade ou, em alguns casos, ficando reduzidas ao ministro ordenado. Naquele momento, muitos apresentaram este jejum forçado como uma oportunidade de redescobrimto da família como Igreja doméstica e de maior valorização da Palavra. Outros, por sua vez, interpretaram o fechamento forçado pelas autoridades sanitárias como manifestação de uma perseguição religiosa. Quais possibilidades de renovação eclesial se apresentam a partir do Espírito? Quais entraves impedem este processo?

No Brasil, a maioria esmagadora de nossas comunidades não tem celebração eucarística semanal. Essas comunidades se mantêm vivas por meio das celebrações da palavra, novenas, círculos bíblicos, orações do terço, dentre outras atividades que não exigem a presença do ministro ordenado. Procuram colocar em prática a sua consciência batismal. No início da pandemia, havia esperanças de que esse jejum forçado conduzisse a uma maior solidariedade com os que não têm celebração eucarística. Oportunidade de alargar o sentido da eucaristia entendendo que toda a comunidade é Corpo de Cristo, superando uma mentalidade clerical.

Passado o otimismo inicial, constata-se que o desafio é muito maior. Durante o período mais crítico da pandemia, podemos constatar pessoas que vociferaram como “cães raivosos”. Por todos os lados, “fiéis” exigiam a eucaristia, pedindo, inclusive, intervenção papal para que presbíteros e bispos fossem obrigados a atendê-los. Além disso, há um sério risco de que os meios virtuais nos levem a uma Igreja mais sacramentalista, centrada no ministro ordenado. A eucaristia é reduzida ao “poder” de consagrar do presbítero dentro da lógica que dominou a teologia eucarística do segundo milênio (cf. TABORDA, 1985).

Neste sentido, se por um lado as celebrações virtuais permitem o “consolo” e a presença de tantos irmãos e irmãs, por outro lado, há o risco da “prolongação midiática de um sistema clerical que reforça a passividade dos leigos, onde o padre é o protagonista e os leigos são os expectadores” (PARIAMACHI, 2020, p. 30). Numa Igreja clerical, a identificação primeira é com os sete sacramentos, colocando o clero como protagonista, o templo como referência, os leigos à margem. Descuida-se da Palavra, da iniciação a fé, da oração e formação cristã, do cuidado com os pobres e marginalizados.

A mídia tanto pode prolongar perspectivas mais centralizadoras quanto fazer descobrir novas formas. “É hora de recuperar a Palavra e o silêncio. Os meios virtuais podem ser usados para oferecer atividade que ajudem a acompanhar e a discernir o que se está vivendo desde a Palavra de Deus que se encarna em nossas casas hoje” (LUCIANI, 2020, p. 27). É todo o povo que celebra e pede ao Espírito que venha sobre os dons apresentados. Não sendo possível alimentar-se do Corpo, deve-se alimentar da Palavra. Ela é alimento que nos fortalece em nossa caminhada. A comunidade alimenta-se do Corpo de Cristo para que

ela seja as mesmas mãos que acolhem e levantam, os ombros que amparam. Na celebração eucarística toda a comunidade suplica o Espírito sobre os dons, participa ativamente do mistério celebrado, esta é inclusive uma das grandes contribuições do Concílio Vaticano II, por isso, apresenta-se tão arriscadas celebrações eucarísticas sem comunidade.

Certamente “a eucaristia faz a Igreja”, sem eucaristia não há Igreja plenamente constituída, mas esta frase deve completar-se com sua contrapartida: “a Igreja faz a eucaristia”, é toda a comunidade, presidida por seus pastores, que celebra a eucaristia, sem o tecido de uma comunidade eclesial não há eucaristia (CODINA, 2020, p. 29).

Por sua vez, a Igreja evangelizadora é chamada a anunciar a boa nova do Reino de Deus, curar os doentes, comer com os pecadores. Libertar de toda opressão e escravidão. Continuar o programa de Jesus em Nazaré – libertar os cativos, evangelizar os pobres, a misericórdia de Deus (cf. Lc 4,16-19). Por isso, Codina afirma “não se trata de esquecer os sacramentos, mas valorizá-los como ‘sinais sacramentais e eficazes da graça’, mas sempre à luz da fé e da Palavra, para que não se convertam em magia e passividade” (CODINA, 2020, p. 29). Nessa compreensão de Igreja, a família assume um papel fundamental.

No contexto do isolamento social, famílias inteiras passaram a dividir conjuntamente o tempo e o espaço, num tipo de proximidade bastante incomum. Essa situação favoreceu a redescoberta da família como Igreja doméstica. Foram muitas as iniciativas de orações comuns, partilhas da Palavra e terços em famílias. Nesses casos, pessoas que já haviam sido iniciadas na fé, puderam tornar o seio familiar o espaço de fortalecimento e vivência fraterna, assumindo-se como Igreja doméstica, espaço privilegiado de transmissão da fé.

Na família se tem o primeiro contato com o amor de Deus, experimentam-se os laços de amor e fraternidade (CASTILLO, 2020, p. 42). Ninguém duvidava que a família era o núcleo fundamental onde se deveria receber a fé, tendo um papel na transmissão da fé. Entretanto, na prática isso não se mostrava evidente. O fato é que a pandemia possibilitou, em muitas situações, a família como núcleo fundamental da primeira experiência da fé. Esta redescoberta da família pode conduzir à revalorização da comunidade como lugar de partilha e apoio mútuo, expressão de comunhão e solidariedade. Tomas Halik, a partir de sua experiência em Portugal, assinala como a partilha do evangelho em família permitiu o despertar da consciência batismal superando a distinção clero-laicato (HALIK, 2020, p. 11).

Apesar do papel fundamental da família no anúncio do kerygma, constata-se dois problemas no processo de transmissão da fé. Primeiro, em geral, os pais ou responsáveis não estão suficientemente iniciados na fé para que possam assumir o protagonismo na transmissão. Segundo o próprio contexto no qual as famílias estão inseridas dificulta a vivência da fé como Igreja doméstica. Percebem-se múltiplas fragilidades no seio familiar: agendas lotadas, trabalhos “escravos”, problemas de comunicação e linguagem, afetividade desintegrada, cansaço físico e mental.

Nesse contexto, há sempre o perigo de continuar a terceirizar a transmissão da fé, delegando à catequese ou aos gurus virtuais. Os meios virtuais apresentam-se como instrumentos úteis e necessários neste tempo, mas não se deve esquecer que “a responsabilidade educativa, portanto, envolve diretamente a comunidade cristã, chamada a repensar sempre de novo o seu estilo de evangelização, a fim de que a fé em Cristo se encarne na atualidade e se torne fonte de esperança para todos” (FORTE, 2018, p. 41).

Portanto, diante dos clamores do Espírito e do momento atual, podemos viver uma Igreja mais evangelizadora que redescobre o valor da comunidade a partir de nossas famílias enquanto vivem como Igreja doméstica. Pode-se superar uma mentalidade clerical focada nos ministros ordenados, recuperando o sentido mais profundo do batismo. Entretanto, há o sério risco de nos tornarmos uma Igreja mais clerical, vista a fragilidade de muitas de nossas famílias na transmissão da fé e nossa incapacidade criativa. Temos sempre a possibilidade do enclausuramento que leva a centrar a vida de fé na figura do ministro ordenado, assumindo uma Igreja mais clerical.

3. “Onde está o teu irmão?”

A experiência pandêmica trouxe interpelações à fé cristã: a imagem de Deus, a vivência eclesial e a presença dos cristãos no mundo. O relato fraticida de Caim e Abel torna-se paradigmático a partir da pergunta de Deus a Caim: “Onde está o teu irmão?...” (Gn 4,9a). Esta pergunta interpelativa é dirigida a todos os cristãos em razão da responsabilidade a ser assumida no presente histórico. Neste cenário emerge o desafio de uma dupla conversão da Igreja: maior responsabilidade diante do mundo (vencer a indiferença) e constituição de uma Igreja inteiramente sinodal. As duas perspectivas mostram-se complementares, mas debruçamo-nos sobre a segunda que sustenta e possibilita a primeira.

O Papa Francisco, desde o início de seu ministério, suscitou processos de renovação eclesiais que procuraram recuperar o frescor do Evangelho na Igreja. A sinodalidade tem sido o instrumento utilizado para concretizar esta reforma eclesial. Em plena sintonia com as intuições do Concílio Vaticano II, Francisco optou por um “caminhar juntos”, que implica não somente o conjunto dos bispos, colegialidade episcopal, mas todo o Povo de Deus. Por isso, ele procurou levar em consideração a percepção de cada pessoa e experiência de cada Igreja particular. Nas palavras do papa: “Uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, consciente de que ‘escutar é mais do que ouvir’” (EG, 171).

O nosso tempo confirmou a possibilidade e a necessidade de uma Igreja mais evangélica, sinodal, atenta aos clamores do Espírito e consciente de sua responsabilidade no mundo. Percebemos também a força de uma Igreja sacramentalista que reduz a vida cristã aos sacramentos e à figura do ministro ordenado. A passagem de uma eclesiologia para outra somente é possível por meio de um caminho sinodal a ser assumido por cada Igreja particular. Todos os batizados necessitam alargar sua presença eclesial, assumindo seu papel de responsabilidade (EG, 102).

Optar por uma Igreja sinodal implica compreender que todos os batizados são corresponsáveis pelo anúncio do Evangelho. Cada Igreja Particular deve, a partir de seu contexto, pensar caminhos e alternativas que sejam capazes de responder aos inúmeros apelos de nossos tempos em fidelidade ao Evangelho. Não há um único caminho e uma única prática que sejam capazes de resolver todos os problemas. Cada Igreja precisa, à luz do Evangelho, e na força do Espírito, pensar sobre o caminho a ser assumido. Conforme afirma França Miranda:

A importância das Igrejas locais é claramente enfatizada no Concílio, seja pelo significado pastoral da cultura local para as expressões e práticas da fé (AG, 22), seja pelas formas e métodos adequados de apostolado (CD, 38), seja pela sua utilização na liturgia, de tal modo que a Igreja local seja realmente sujeito teológico e cultural da evangelização (MIRANDA, 2018, p. 33).

Todas as Igrejas devem trilhar um caminho sinodal a partir e em vista de sua própria realidade em comunhão com toda a Igreja. Problemas enfrentados num contexto, não são encontrados em outro, de modo que não se pode simplesmente aplicar as soluções de um lugar no outro. Portanto, a resposta da fé cristã, às interpelações da pandemia, encontra no caminho sinodal uma alternativa.

Conclusões

Quando se avaliam as consequências da pandemia em todos os níveis de nossa vida, constata-se que ela desencadeou inúmeros processos que fizeram emergir visualmente os limites de nossa sociedade. Na perspectiva da fé cristã, esse cenário tanto pode conduzir a um processo de conversão e mudança em vista de assumir maior responsabilidade diante do mundo, quanto pode robustecer a indiferença diante dos problemas da humanidade.

O processo de renovação eclesial exige redescobrir a imagem do Deus da vida anunciado por Jesus e presente na doação de tantos irmãos e irmãs. Perceber a força do Espírito, atuando desde baixo, que convida ao discernimento profundo a partir dos acontecimentos da história. Este processo pode conduzir a valorizar o papel da família como transmissora da fé, Igreja doméstica. Entretanto, todos estes passos tornam-se cada vez mais desafiadores quando se considera o conjunto da vida eclesial e a sociedade na qual estamos imersos, por isso, a sinodalidade assumida pelas Igrejas locais pode ser o instrumento privilegiado de renovação.

Numa Igreja sinodal todos os batizados são convidados a discernir caminhos e alternativas a partir do tempo e do espaço no qual estão inseridos. A pandemia reforçou a necessidade de levar a termo o processo de reforma da Igreja para que sejamos mais fiéis ao Evangelho de Jesus e aos clamores do Espírito. Portanto, pensar e viver a fé em tempos de pandemia implica estar em constante discernimento, pois vive-se num contexto de rápidas mudanças que exigem uma permanente conversão.

Referências

- AUGUSTÍN, George; KASPER, Walter (org.). *Dios en la pandemia*. Santander: Sal Terrae, 2020;
- BOFF, Leonardo. El coronavirus despierta en nosotros lo humano. In. VV.AA. *Covid 19*. MAEditores, 2020, p.59-63;
- CASTILLO, Francisco. La catequesis familiar en la pandemia. In. TEJO, Javier Díaz. *Después de la pandemia, ¿Que catequesis?*Valdivia: Finis Terrae, 2020, p.39-42;
- CODINA, Víctor. *O Espírito do Senhor: força dos fracos*. São Paulo: Paulinas, 2019;
- CODINA, Víctor. De una iglesia sacramentalista a una iglesia evangelizadora. In. VV.AA. *Covid 19*. MAEditores, 2020, p.27-31;
- FRANCISCO, Papa. *Vida após a pandemia*. Brasília: CNBB, 2020;
- FORTE, Bruno. *A transmissão da fé*. São Paulo: Loyola, 2018.
- GLEZ, Hermílio Cárdenas. Transmitir la fe desde la familia. In. TEJO, Javier Díaz. *Después de la pandemia, ¿Que catequesis?*Valdivia: Finis Terrae, 2020, p.28-32;
- HALÍK, Tomás. *O sinal das igrejas vazias*. Para um cristianismo que volta a partir. São Paulo: Paulinas, 2020;
- JIMÉNEZ, Manuel José. Diálogo fe y ciencias. In. TEJO, Javier Díaz. *Después de la pandemia, ¿Que catequesis?*Valdivia: Finis Terrae, 2020, p.53-57;
- LUCIANI, Rafael. Es la hora de ayunar del Pan y aprender a comulgar con la Palabra. In. VV.AA. *Covid 19*. MAEditores, 2020, p.21-28;
- MIRANDA, Maria de França. *Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018;
- MOORE, Michael P. La fe no es un antídoto mágico; convive com las preguntas y con los miedos. In. VV.AA. *Covid 19*. MAEditores, 2020, p.47-56;
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001;
- PAGOLA, José Antonio Pagola. Oración del nuevo despertar. In. VV.AA. *Covid 19*. MAEditores, 2020, p.61-63;
- PARIAMACHI, Raúl. Creyentes en tiempos de pandemia. In. VV.AA. *Covid 19*. MAEditores, 2020, p.17-38;
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020;
- SALAS, Alfredo Madrigal. Repensar la catequesis por la pandemia. In. TEJO, Javier Díaz. *Después de la pandemia, ¿Que catequesis?* Valdivia: Finis Terrae, 2020, p.74-79;

TABORDA, Francisco. Eucaristia e Igreja. In. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v.17, p.29-62, 1985;

VÉLEZ, Olga Consuelo. De la eucaristia sacramental a la eucaristia existencial. In. VV.AA. *Covid 19*. MAEditores, 2020, p.57-60;

ZIZEK, Slavoj. Pandemia. *Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.